



As relações entre a arquivologia e as humanidades digitais: a literacia arquivística como meio de interação arquivo e comunidade no acesso à informação

The relations between archival science and the digital humanities: archival literacy as a means of interaction archive and community in the access to information

Thiago de Oliveira Vieira *

Paola Rodrigues Bittencourt **

Anna Carla Almeida Mariz ***

RESUMO

Pontua algumas relações entre os campos da arquivologia e das humanidades digitais. Expõe a noção da literacia arquivística como um meio de reconceitualização dos arquivos e a interação entre as instituições arquivísticas e a comunidade, a partir da partilha de um conhecimento arquivístico, com o objetivo de oferecer aos usuários de um arquivo um conjunto de competências que o auxiliem em potencializar as formas de pesquisa e acesso às informações. Caracteriza-se como uma pesquisa de natureza exploratória, com caráter qualitativo e que utiliza como procedimento a revisão bibliográfica para cumprir os seus objetivos. Os resultados apontam para a existência de pontos de relacionamentos entre a arquivologia e as humanidades digitais, tendo a noção de literacia arquivística uma importante função no

ABSTRACT

It points out some relations between the fields of Archival Science and the Digital Humanities. It exposes the notion of archival literacy as a means of reconceptualizing the archives and the interaction between archival institutions and the community, through the sharing of archival knowledge, in order to offer archival users a set of skills that will help to empower research and access to information. It is characterized as a research of exploratory nature, with a qualitative character and that uses as a procedure the bibliographic revision to fulfill its objectives. The results point to the existence of points of relationship between Archival Science and the Digital Humanities, with the notion of archival literacy as an important function in the access and use of archives.

Keywords: Archival Science; Digital Humanities; Archival Literacy;

* Mestre em Gestão de Documentos e Arquivos pelo PPGARQ/Unirio. Arquivista do Arquivo Nacional. Endereço: Codac, Praça da República 173, Centro, CEP: 20211-350, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: thiagoov@globo.com.

** Mestre em Gestão de Documentos e Arquivos pelo PPGARQ/Unirio. Arquivista do Arquivo Nacional. Endereço: Coged. Praça da República 173, Centro, CEP: 20211-350, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: paolarb@gmail.com.

*** Doutora em Ciência da Informação pelo Ibict/UFRJ. Professora da graduação em Arquivologia e do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivo na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Endereço: Avenida Pasteur 458, Praia Vermelha, CEP: 22290-255, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: annacarla@unirio.br.

Palavras-chave: Arquivologia;
Humanidades Digitais; Literacia
Arquivística; Literacia Informacional;
Instituição Arquivística.

INTRODUÇÃO

Parte-se da ideia de que os arquivos se inserem na problemática ocasionada pela revolução tecnológica digital e, conseqüentemente, pelo aumento da produção de documentos arquivísticos, seja em meio analógico ou digital, e pela demanda cada vez mais crescente de informações pelo Estado e pela sociedade. Portanto, esses arquivos reconfiguram-se ao longo do tempo, ampliando seus espaços informacionais a partir do alargamento de suas fronteiras, do aumento no volume de acervos digitalizados, do uso de tecnologias digitais para acesso à informação, entre outros.

Este artigo busca então refletir sobre a inserção das instituições arquivísticas, enquanto local de guarda, preservação e acesso de conjuntos documentais arquivísticos produzidos pelo Estado (em suas específicas esferas de competências) e pela sociedade (a partir da linha institucional para custódia de acervos privados), no âmbito das perspectivas e necessidades da comunidade, dentro de uma ótica das humanidades digitais.

Propõe-se aqui uma discussão acerca das relações entre a área da arquivologia e o campo das humanidades digitais, tendo como propósito evidenciar alguns diálogos e relacionamentos entre essas duas áreas.

A partir do estabelecimento das relações entre as duas áreas, explora a noção¹ de literacia arquivística² como ação apoiadora e colaborativa para o acesso e uso de fontes de informação, no âmbito da comunidade, por parte das instituições arquivísticas, no contexto da competência em informação.

A literacia arquivística é um dos muitos caminhos que podem agregar valor aos serviços prestados pelas instituições arquivísticas, com a finalidade de potencializar uma de suas principais funções, o acesso aos documentos sob sua custódia. Os novos espaços virtuais ocupados pelas instituições arquivísticas inauguram novas questões nas instituições: a visibilidade e o relacionamentos (métricas da webometria) na World Wide Web, de forma a atingir um público cada vez maior; a sua arquitetura e *design* informacional, visando a encontrabilidade e a usabilidade a partir da relação usuário x informação; a acessibilidade *web*, que permite que todos possam ter o mesmo acesso à informação; as plataformas de colaboração coletiva (*crowdsourcing*), que permitem a contribuição da comunidade nas atividades da instituição (colaboração com a identificação e/ou descrição dos documentos, por exemplo); a curadoria digital, que auxilia a concepção de políticas de acesso e práticas de difusão, e a reutilização de acervos digitais; entre outras.

¹ Optou-se pela categorização da literacia arquivística como uma noção, pois as “noções dizem respeito aos elementos de uma teoria que ainda não possuem clareza suficiente para alcançar o status de conceito e são usados como ‘imagens’ para explicações aproximadas do real” (MINAYO, 2010, p.176).

² Optou-se pela utilização da expressão literacia arquivística, embora se tenha encontrado o uso do termo letramento arquivístico em Koyama (2013).

A presente pesquisa tem natureza exploratória e abordagem qualitativa, uma vez que pretende aprofundar ideias e proporcionar maior familiaridade com o tema (GIL, 2002). De modo a cumprir os seus objetivos, recorreu-se a uma revisão bibliográfica com base nas fontes localizadas e selecionadas nas seguintes bases de dados: Web of Science, a Base de Dados de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), Biblioteca do Conhecimento Online (b-on) e Google Acadêmico (como fonte auxiliar de busca e acesso). Além disso, percorreu-se o cruzamento de fontes bibliográficas a partir das referências utilizadas nos trabalhos recuperados e selecionados nas bases de dados.

A ARQUIVOLOGIA E AS HUMANIDADES DIGITAIS: PONTUANDO DIÁLOGOS E RELAÇÕES

A revolução tecnológica permitiu, ao longo do tempo, a produção e o armazenamento de grande volume de dados. O crescimento exponencial da quantidade de dados gerados, aliado à dificuldade de processamento e interpretação por parte dos programas tradicionais, gera o que se denomina de *big data*.

Kitchin (2013, p. 262), a partir de alguns autores na literatura emergente a respeito da *big data*, destaca que não existe um conceito definido para este termo, mas um conjunto de características:

- amplo em volume de armazenamento (*terabytes* ou *petabytes* de dados);
- alta velocidade de produção (muitas vezes em tempo real);
- diversificada quanto à sua variedade (podendo ou não ser estruturada em sua natureza);
- exaustiva no seu escopo (esforçando-se para capturar populações ou sistemas);
- alta granularidade (fortemente detalhada e indexada);
- relacionada (permitindo a junção de grandes conjuntos de dados);
- flexível (extensibilidade de crescimento a partir da adição de campos e escalabilidade para aumento de tamanho).

A partir destas características, inerentes às novas formas de geração e estoque de dados, pode-se perceber o impacto causado pelo *big data* em diversos campos da sociedade, incluindo as áreas que se dedicam à pesquisa e à produção científica.

Bell, Hey e Szalay (2009, p. 1.297) chamam a atenção para o desafio que as diversas comunidades científicas precisam enfrentar a partir da demanda da ciência intensiva de dados.³ Nesse sentido, Hey, Tansley e Tolle (2009, p. xix, tradução nossa), baseados na transcrição de uma palestra de Jim Gray, no ano de 2007, indicam o surgimento de um quarto paradigma na ciência: “À medida que simulações e experimentos geram cada vez mais dados, um quarto paradigma está surgindo, consistindo nas técnicas e tecnologias necessárias para realizar a ciência intensiva de dados”.

Esse novo paradigma assenta-se nos avanços da forma de criação e no desenvolvimento de novos métodos de análise de dados em larga escala (KITCHIN, 2014). O autor afirma que o *big data* oferece uma oportunidade para as ciências

³ Do inglês data-intensive science.

sociais e humanas, sob o prisma de um campo emergente denominado humanidades digitais, por meio da disponibilização de novas “ferramentas de curadoria, gestão e análise de dados, que podem lidar com grandes números de objetos” (KITCHIN, 2014, p. 7, tradução nossa). As tecnologias digitais contribuíram para a formação de um novo campo, o das humanidades digitais, que passaram a se beneficiar do crescimento de informações já produzidas em meio digital, bem como do aumento no processo de digitalização e acesso de dados em meio analógico, por diversas instituições como arquivos, bibliotecas, museus, centros de pesquisa, etc.

Kitchin (2014, p. 8) afirma que os métodos tradicionais de abordagem e tratamento de dados nas humanidades não são substituídos pelas novas técnicas proporcionadas pelas tecnologias digitais. Ao contrário, estas últimas complementam e aumentam os métodos existentes nas ciências humanas e sociais, de forma a facilitar as formas tradicionais de análise e interpretação de dados. As humanidades digitais sugerem um escopo de pesquisas mais amplo, investigando e respondendo a questionamentos que seriam difíceis de investigar ou responder sem o auxílio das tecnologias digitais.

Para Schöch (2013, p. 7), “a marca distintiva do *big data* nas humanidades parece ser uma mudança metodológica e não essencialmente tecnológica”. Nesse sentido, o autor aponta para um *big data* inteligente, na qual os dados são “cuidadosamente selecionados [curadoria digital], estruturados, anotados de modo a tornar explícita muitas informações implícitas nos artefatos digitalizados ‘brutos’ e confusos” (SCHÖCH, 2013, p. 11).

Precisamos de *big data* inteligente, pois ele pode não apenas representar adequadamente um número suficiente de características relevantes de objetos de investigação humanísticos para possibilitar o nível de precisão e nuances que as ciências humanas precisam, mas também pode nos fornecer uma quantidade de dados para permitir métodos quantitativos de pesquisa que nos ajudem a transgredir as limitações inerentes aos métodos baseados em estratégias de leitura atenta. Resumindo: somente o *big data* inteligente permite métodos quantitativos inteligentes (SCHÖCH, 2013, p. 11, tradução nossa).

Humanidades digitais, na visão de Presner (2010, p. 3), constitui-se em um termo genérico para uma diversidade de práticas que visam criar, interpretar e interrogar as tecnologias de informação (antigas ou contemporâneas), de forma colaborativa. Essa forma colaborativa incide em todo o campo das humanidades nas universidades, e, para além dessas fronteiras, alcançam e envolvem a comunidade.

As humanidades digitais são projetos colaborativos, envolvendo humanistas, tecnólogos, bibliotecários, cientistas sociais, artistas, arquitetos, cientistas da informação e cientistas da computação na conceituação e resolução de problemas, que muitas vezes tendem a ser de alto impacto, socialmente engajados e de amplo escopo e duração (PRESNER, 2010, p. 3, tradução nossa).

O entendimento de comunidade de instituições, agentes ou investigadores envolvidos no uso dos métodos digitais, aliado à concepção de uma plataforma colaborativa de trabalho partilhado, delimitam a definição desse conceito emergente no campo das humanidades (ALVES, 2016, p. 94-99). Alves sublinha o papel social das humanidades digitais, tendo como prisma o conceito de comunidade, na medida em que os seus produtos devam ser avaliados a partir do impacto na sociedade e seu envolvimento comunitário (2016, p. 97).

Como evidenciado por Hockey (2004), as humanidades digitais contribuem para o crescente interesse em colocar o patrimônio cultural na *web*, não só para investigadores acadêmicos, mas também como forma de promover as competências em literacia informacional e aprendizagem ao longo da vida do público em geral.

Um exemplo de conexão entre as humanidades digitais e as funções ou práticas arquivísticas foi demonstrado por Evans (2017, p. 680), ao citar o trabalho de Tim Sherratt,⁴ um pesquisador das humanidades digitais que experimenta, por meio de aplicações *web* e *gadgets*, um *design* de serviços arquivísticos que permitem espaços participativos.

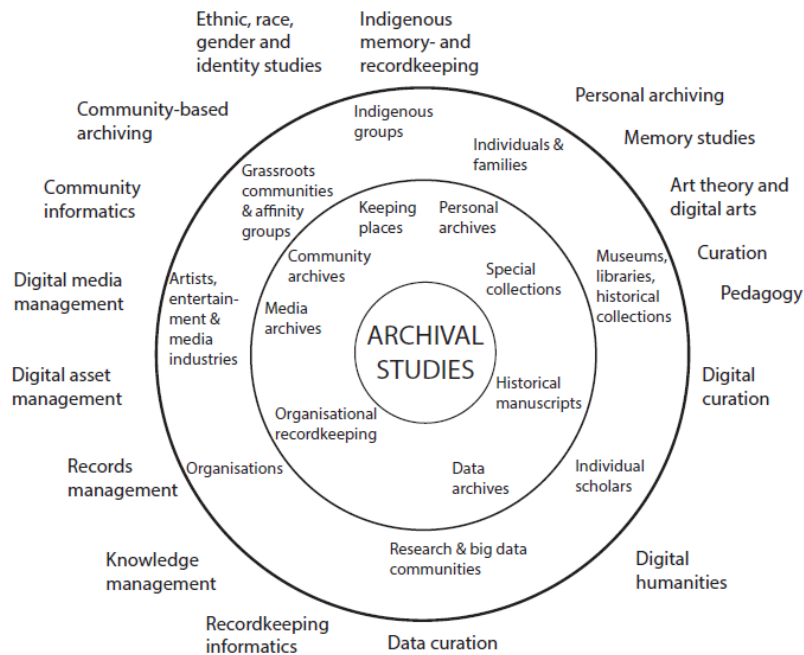
O acesso e a descrição se entrelaçam à medida que se movem de estruturas projetadas em torno do consumo passivo de informações sobre os documentos àquelas em que os colaboradores, em vez dos usuários, podem brincar com conteúdo e contexto e as conexões entre eles (EVANS, 2017, p. 680).

Esse exemplo demonstra o uso de abordagens de *design* em sistemas de pesquisa em arquivos, de forma que no futuro eles possam ser capazes de representar relações complexas, em constante evolução, entre pessoas, organizações e comunidades. Evans (2017, p. 680) assinala a importância do envolvimento de pesquisadores em humanidades digitais em problemas complexos relacionados à responsabilidade social dos sistemas de arquivo, no qual há uma conexão entre princípios arquivísticos e soluções de tecnologia digital, desenvolvendo a compreensão da relação entre arquivos e a comunidade.

A partir do reconhecimento de que um número crescente de áreas e comunidades está influenciando o escopo e a conceituação da arquivologia, Gilliland (2017) estabelece um relacionamento contemporâneo entre o campo arquivístico e outros campos e comunidades (Figura 1).

⁴ Disponível em: <<http://discontents.com.au/archives-of-emotion/>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

Figura 1. Relacionamentos entre a arquivologia e outros campos e comunidades.



Fonte: Gilliland (2017, p. 48).

As relações propostas pela autora demonstram uma relação da arquivologia com as *research & big data communities* e com as *digital humanities*.

Jane Ohlmeyer, diretora do instituto de pesquisa sobre artes e humanidades do Trinity College Dublin, aponta para um novo panorama nas humanidades digitais, bem como chama a atenção para os documentos de arquivo (como fontes primárias) e as relações interdisciplinares da área:

- o acesso a um vasto conjunto de fontes primárias, sobretudo manuscritos e material impresso;
- o acesso ao conhecimento, *expertise*, metodologias e práticas de várias áreas;
- a adoção de padrões e melhores práticas;
- a possibilidade de preservação das informações a longo prazo e de forma sustentável;
- a realização de experimentos e inovação em parceria com pesquisadores de múltiplas áreas e disciplinas (apud BELESSA, 2016).

Ao pesquisar sobre a transformação digital e a natureza arquivística dos representantes digitais,⁵ substitutivos criados a partir do processo de digitalização, Conway (2015, p. 51) destaca que a compreensão da natureza dos representantes digitais é uma “oportunidade intelectual substancial para a ciência arquivística e para as humanidades digitais, devido à crescente independência das coleções substitutas de suas fontes de arquivo”.

⁵ O termo em língua inglesa utilizado pelo autor é “*digital surrogacy*”, que se refere a um substituto digital de um objeto físico. No âmbito arquivístico, utiliza-se o termo representante digital.

Há que se destacar, como apontado por Theimer, que a percepção do termo “arquivo” pelas humanidades digitais geralmente recai para os “agrupamentos *online* de representantes digitais de documentos não digitais, muitas vezes compostos de representantes digitais localizados em diferentes instituições (repositórios), intencionalmente selecionados e organizados para apoiar um objetivo acadêmico” (2012, p. 66, tradução nossa).

Para Theimer (2012), há uma desconexão do uso do termo arquivo entre os humanistas digitais e os arquivistas, tendo os humanistas digitais uma adoção mais voltada para coleções do que para os “arquivos tradicionais” se analisado sob a ótica dos arquivistas.

Dada essa percepção, Theimer (2012, p. 66) destaca três projetos que utilizam essa noção de “arquivo” no âmbito das humanidades digitais: Shakespeare Quartos Archive;⁶ Rossetti Archive⁷ e William Blake Archive.⁸ Observa-se, como exemplo, no caso do William Blake Archive, o uso de textos e imagens (representantes digitais) de William Blake, procedentes e/ou provenientes de diversas instituições ou pessoas, reunidos intencionalmente em um *website*, a partir do uso de um conjunto de ferramentas oferecidas pelas tecnologias digitais.

Quando pensado a partir da arquivologia, o “arquivo” – conjunto de documentos – compreende um todo orgânico, produzido e acumulado em razão das funções e atividades de seu produtor, seja ele uma instituição (pública ou privada), pessoa ou família. Nesse sentido, é em torno do conceito de documento arquivístico que as relações teórico-práticas da arquivologia com as humanidades digitais devem ser potencializadas, estabelecendo uma “maior comunicação entre humanistas digitais e profissionais da informação, como os arquivistas, sobre as áreas em que nossas práticas se cruzam” (THEIMER, 2012, p. 66).

Embora existam diversos projetos de humanidades digitais em arquivos, o diálogo teórico entre essas duas áreas ainda está em desenvolvimento. Mas, diante do exposto, percebe-se que há uma relação interdisciplinar entre ambas.

As pesquisas no campo das humanidades digitais podem contribuir para o campo arquivístico na forma como elas disponibilizam as informações arquivísticas aos seus usuários, tendo como ponto de partida a inovação e o uso das tecnologias digitais aliados ao impacto e ao envolvimento comunitário (noção de comunidade). Ao explorar essa relação, evidencia-se um ponto convergente entre esse território emergente das humanidades digitais e a arquivologia enquanto campo científico, embora seja ainda pouco explorada na literatura arquivística em língua portuguesa.

Pretende-se na próxima seção, pontuar a noção de literacia arquivística. A literacia arquivística coloca-se como um meio facilitador entre o acesso e o uso dos documentos de arquivo, principalmente em um ambiente virtual de ausência do papel tradicional de mediação informacional arquivista/usuário.

A literacia arquivística proporciona uma maior integração entre o arquivo e a comunidade, de forma que a comunidade possa suprir sua necessidade informacional, a partir dos documentos de arquivo, sob custódia e preservação das instituições arquivísticas.

⁶ Disponível em: <<http://www.quartos.org/>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

⁷ Disponível em: <<http://www.rossettiarchive.org/>>. Acesso em: 23 abr.2019.

⁸ Disponível em: <<http://www.blakearchive.org/>>. Acesso em: 23 abr.2019.

LITERACIA ARQUIVÍSTICA: A RECONCEITUALIZAÇÃO DO PAPEL DAS INSTITUIÇÕES ARQUIVÍSTICAS E A INCLUSÃO DA COMUNIDADE AOS ARQUIVOS

A literacia arquivística enquadra-se como um aspecto do conceito de competência em informação.⁹ A literacia informacional ganha importância com a ampla disponibilização de informações, principalmente via internet, que ocasionou barreiras ao seu acesso por conta do desconhecimento das formas de busca e/ou formas de organização, além dos caóticos sistemas disponibilizados (DUDZIAK, 2003, p. 1).

A competência informacional tem como objetivo a “habilidade de reconhecer quando as informações são necessárias e como localizá-las, avaliá-las, utilizá-las de forma eficaz, assim como comunicá-las em seus diversos formatos” (GRIZZLE et al., 2016, p. 185-186).

A literacia não objetiva apenas a capacidade de ler ou escrever, mas também o conhecimento básico de um determinado campo de estudo ou área do conhecimento (SNAVELY; COOPER, 1997, p. 12)

Duff (2016, p. 171), ao tratar do papel da mediação praticada pelos arquivistas, como um recurso eficaz para localização e acesso aos documentos em um arquivo, afirma que o acesso universal aos documentos de arquivo é dependente da ajuda dos arquivistas, na mediação com os usuários e o que eles buscam em um arquivo.

As novas formas de acesso e uso da informação, longe dos espaços físicos tradicionais dos arquivos, excluem o papel da mediação convencional entre arquivistas e usuários (MCCAUSLAND, 2011, p. 312–313). A respeito disso, Stevenson (2008, p. 91) pontua que enquanto os usuários cada vez mais pesquisam e fazem uso dos documentos sem fazer visitas físicas aos arquivos, os arquivistas permanecem focados em processos de atendimento tradicionais e acesso aos documentos físicos.

Esses novos espaços de disponibilização e acesso à informação demandam das instituições arquivísticas novas assunções, para além da disponibilização das informações relativas aos acervos arquivísticos sob sua custódia.

Necessitam emergir, nesse contexto, novas formas de interações entre o arquivo, seja enquanto instituição ou conjunto de documentos, e a comunidade que demanda informações de um arquivo.

Com o advento do novo século e a consolidação de práticas e ferramentas que se convencionou chamar de humanidades digitais, o usuário de arquivo, sendo ele individual ou coletivo, ampliou seu escopo através de novas demandas e possibilidades, ultrapassando as fronteiras que haviam sido delimitadas nas décadas e séculos anteriores e que mesmo ampliadas ainda guardavam restrições aos usos, apropriações e reconfigurações de seus espaços (SIQUEIRA, 2018)

Johnson reitera que os usuários de arquivos, em espaços virtuais, precisam fazer mais do que localizar informações nos instrumentos disponibilizados, eles precisam de assistência para fazer as perguntas certas e entender os seus resultados de pesquisa (2008, apud MCCAUSLAND, 2011, p. 315). Os arquivos “precisarão mudar suas

⁹ Também conhecida como literacia informacional ou alfabetização informacional (DUDZIAK, 2003, p. 24).

mentalidades, bem como seu serviço de referência para atender às necessidades de diferentes grupos de usuários” (MCCAUSLAND, 2011, p. 316, tradução nossa).

A literacia arquivística coloca-se como um agente de interação arquivo/comunidade de usuários, com um objetivo de propiciar a obtenção do conhecimento e habilidades necessárias para consultar os documentos custodiados pelas instituições arquivísticas, a partir do entendimento dos métodos e técnicas que regem a organização e a disponibilização dos acervos.

As primeiras noções de literacia arquivística surgem na literatura arquivística no final dos anos de 1990 e meados dos anos 2000, a partir das pesquisas de Gilliland-Swetland, Kafai e Landis, 1999; O’Toole, 1995; Yakel, 2004; e Yakel e Torres, 2003 (BLUNDELL, 2014, p. 41).

Literacia arquivística relaciona-se à consciência dos usuários com o seu patrimônio documental e o papel que os documentos de arquivo desempenham na garantia de seus direitos e no registro e comunicação de seu patrimônio. Literacia arquivística também diz respeito às habilidades dos usuários na pesquisa de informações ou provas em um arquivo. Essas habilidades incluem a capacidade de considerar os documentos em seu contexto arquivístico, em constituir significados a partir da utilização de fontes primárias (não sintetizados ou não redigidos), em considerar as circunstâncias da produção do documento (ou seja, perguntar quem, o que, quando, porque, onde, e como), analisar forma e natureza do documento, determinar se é um documento original, e em que versão, e compreender a sua cadeia de custódia (GILLILAND-SWETLAND; KAFAI; LANDIS, 1999, p. 92-93, tradução nossa).

A literacia arquivística contribui para a reconceitualização dos arquivos, ou seja, tornar os arquivos visíveis e acessíveis. Parte dessa reconceitualização também reside na disseminação dos arquivos, incluindo os arquivos digitais, na internet (NESMITH, 2007, p. 3-7).

Refletindo a mais ampla reconceitualização do arquivamento, a nova programação pública também ajudaria a explicar como as ações de registro e arquivamento ajudam a moldar nosso senso de realidade e o poder social e político dos processos de registro e arquivamento e as questões éticas envolvidas. O objetivo seria melhorar o que poderíamos chamar de literacia arquivística (NESMITH, 2007, p.7, tradução nossa).

Na visão de Blundell, a literacia arquivística é uma combinação do modelo da literacia da informação – “encontrar, usar e incorporar” – com a navegação e instrução especializada, tipicamente experimentada em um arquivo. A literacia arquivística difere da literacia informacional em dois aspectos: o primeiro reside na importância do uso e compreensão de fontes primárias; e o segundo é que a partir da literacia arquivística, estende-se a potencialidade do arquivo para outras necessidades do usuário (BLUNDELL, 2013, p. 1).

A literacia arquivística é abordada por Yakel e Torres como inteligência arquivística (2003). As referidas autoras afirmam que a inteligência arquivística de um usuário de arquivo é cada vez mais premente em virtude do aumento da quantidade de documentos arquivísticos (informações gerais, descrições e coleções digitalizadas) disponíveis *on-line*, com pouca ou nenhuma mediação de arquivistas (YAKEL; TORRES, 2003, p. 54).

A literacia arquivística apresenta-se como uma ação que integra o arquivo e a comunidade, a partir da partilha de um conhecimento arquivístico, com o objetivo de oferecer aos usuários de um arquivo um conjunto de competências que o auxiliem a potencializar as formas de pesquisa, localização e acesso às informações custodiadas em uma instituição arquivística, em espaços e plataformas virtuais, mediados pelas tecnologias digitais.

Constitui uma forma de inclusão e aproximação dos arquivos com a comunidade. A disponibilização das informações a respeito dos acervos em bases de dados, associados ou não aos seus respectivos representantes digitais, em espaços virtuais não garantem acesso e uso dessas informações.

A literacia arquivística surge como instrumento de interação entre o arquivo e a figura cada vez mais ampla e plural do usuário, promovendo e auxiliando a aquisição de habilidades e competências a partir de mecanismos educativos, visando uma maior independência, compreensão e qualidade das consultas, pesquisas e usos de documentos e informações arquivísticas por parte do usuário, de forma presencial ou remota, sem a necessidade constante de mediação arquivística (VIEIRA; BITTENCOURT; SIQUEIRA, 2018, p. 399).

A reconceitualização dos arquivos (NESMITH, 2007) e a inclusão da comunidade no acesso aos serviços arquivísticos perpassam pela literacia arquivística. No centro dessa reconceitualização está uma mudança de perspectiva, dos “arquivos direcionados para os arquivistas” para “arquivos direcionados para os usuários” (JARDIM; FONSECA, 2004, p. 1), agregando valor e qualidade aos serviços arquivísticos prestados, a partir da admissão de novas competências e diálogos com outras áreas e campos de conhecimento. Essa mudança de direção vai ao encontro da noção de comunidade (ALVES, 2016) presente nas humanidades digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos e atividades realizados nos arquivos são ainda completamente obscuros para boa parte dos usuários, e promover o conhecimento de tais práticas implica em reconhecer o usuário como parte desse processo e reduzir as distâncias entre eles e os arquivos. É evidente a contribuição que as tecnologias e ferramentas digitais tem fornecido principalmente no acesso e difusão dos arquivos, o que, ainda que indiretamente, também tende a reduzir as distâncias entre usuários e arquivos. Porém, algumas competências fundamentais não são ainda distribuídas de modo a dar aos usuários uma necessária autonomia para que lhes seja possível utilizar plenamente os arquivos.

Se no passado o papel dos arquivistas estava quase exclusivamente voltado a manter os arquivos e auxiliar pesquisadores – em sua maioria historiadores – na busca de fontes primárias de informação, o cenário recente mudou consideravelmente.

Atualmente, não apenas as formas de disponibilizar e buscar informação mudaram, mas também as necessidades e o perfil dos usuários de arquivo. Isso significa dizer que as formas de atuação de profissionais e instituições precisam ser reavaliadas. Essa relação entre usuário e arquivo tornou-se complexa, e as práticas de mediação precisam dar conta de entender essa complexidade e contribuir na melhoria dessa relação.

O uso dos arquivos pode não dispensar, por exemplo, o conhecimento sobre os

métodos adotados na organização dos acervos, pois esses métodos empregados podem alterar a forma como a fonte é interpretada pelo usuário.

É nesse novo cenário que a relação da literacia arquivística com as humanidades digitais está inserida. Ainda pouco abordada na realidade brasileira (FURTADO; BELLUZZO; VITORIANO, 2018; VIEIRA; BITTENCOURT; SIQUEIRA, 2018), a noção de literacia arquivística já encontra alguma produção científica internacional, principalmente em língua inglesa. Não se trata apenas de disponibilizar os acervos em plataformas digitais ou de auxiliar na compreensão das ferramentas de busca nas bases de dados. É preciso compreender como a relação de arquivo e usuário se dá nos limites desse novo território das humanidades digitais, em que se inserem as novas necessidades de construções teórico-metodológicas no campo dos arquivos.

É nessa perspectiva de desenvolvimento de uma literacia arquivística que reside um dos pontos de evidente diálogo entre as humanidades Digitais e a arquivologia. Não se trata apenas de usar tecnologias e disponibilizar acervo, as novas demandas exigem que as instituições ampliem suas percepções sobre a comunidade na qual estão inseridas e trabalhem no sentido de desenvolver nessas comunidades as competências necessárias para que possam utilizar todo potencial informacional contido nos arquivos.

Artigo recebido em 13/01/2019 e aprovado em 07/05/2019.

REFERÊNCIAS

ALVES, Daniel. As humanidades digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português. *Ler História*, v. 69, p. 91-103, 2016.

BELESSA, Mauro. As humanidades digitais e a interdisciplinaridade. *Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, 2016. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/interdisciplinaridade-e-humanidades-digitais>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

BELL, Gordon; HEY, Tony; SZALAY, Alex. Beyond the data deluge. *Science*, v.323, 1.297-1.298, 2009.

BLUNDELL, S. The past is prologue: archival literacy as bridge between archivists and educators. *Ohio Archivist*, p. 40-46, Spring 2014.

CONWAY, Paul. Digital transformations and the archival nature of surrogates. *Archival Science*, v. 15, n. 1, p. 51-69, 2015.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. *Ciência da Informação*, v. 32, n. 1, p. 23-35, 2003.

DUFF, W. Mediação arquivística. In: EASTWOOD, T.; MACNEIL (Org.). *Correntes atuais do pensamento arquivístico*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2016.

EVANS, Joanne. Capacities and complexities: a reflection on design methodologies for archival and record keeping research. In: GILLILAND, Anne J.; MCKEMMISH, Sue; LAU, Andrew, J. (Ed.). *Research in the archival multiverse*. Clayton, Victoria: Monash University Publishing, 2017.

FURTADO, Renata Lira; BELLUZZO, Regina Célia Baptista; VITORIANO, Marcia Cristina de Carvalho Pazin. Arquivologia e competência em informação: possíveis conexões

por meio da abordagem à literatura internacional. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. *Anais eletrônicos...* Londrina: UEL, 2018. Disponível em: <<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/paper/view/1352>>. Acesso em: 30 maio 2019.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GILLILAND, Anne J. Archival and recordkeeping traditions in the multiverse and their importance for researching situations and situating research. In: GILLILAND, Anne J.; MCKEMMISH, Sue; LAU, Andrew, J. (Ed.). *Research in the archival multiverse*. Clayton, Victoria: Monash University Publishing, 2017.

GILLILAND-SWETLAND, Anne J.; KAFAI, Yasmin B.; LANDIS, William E. Integrating primary sources into the elementary school classroom: a case study of teachers' perspectives. *Archivaria*, v. 1, p. 89-116, 1999.

GRIZZLE, Alton. et al. *Alfabetização midiática e informacional: diretrizes para a formulação de políticas e estratégias*. Brasília: Unesco: Cetic.br, 2016.

HEY, Tony; TANSLEY, Stewart; TOLLE, Kristin (Ed.). Jim Gray on eScience: a transformed scientific method. In: _____ (Ed.). *The fourth paradigm: data-intensive scientific discovery*. Redmond, WA: Microsoft Research, 2009.

HOCKEY, Susan. *The history of humanities computing: a companion to digital humanities*. Oxford: Blackwell, 2004. Não paginado. Disponível em: <<http://www.digitalhumanities.org/companion/>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila. Estudos de usuários em arquivos: em busca de um estado da arte. *DataGramZero*, v. 5, n. 5, p. 1-13, 2004.

KITCHIN, R. Big data and human geography: opportunities, challenges and risks. *Dialogues in Human Geography*, v. 3, n. 3, p. 262-267, 2013.

_____. Big Data, new epistemologies and paradigm shifts. *Big Data & Society*, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2014.

KOYAMA, Adriana Carvalho. Arquivos online: práticas de memória, de ensino de História e de educação das sensibilidades. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

MCCAUSLAND, Sigrid. A future without mediation? Online access, archivists, and the future of archival research. *Australian Academic & Research Libraries*, v. 42, n. 4, p. 309-319, 2011.

MINAYO, Maria Cecília. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2010.

NESMITH, Tom. What is an archival education? *Journal of the Society of Archivists*, v. 28, n. 1, p. 1-17, 2007.

PRESNER, Tood. *Digital humanities 2.0: a report on knowledge*. 2010. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.469.1435&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

SCHÖCH, Christof. Big? Smart? Clean? Messy? Data in the humanities. *Journal of Digital Humanities*, v.2, n.3, p. 2-13, 2013.

SIQUEIRA, M. N. Em busca do multiusuário em instituições arquivísticas: o caso do Arquivo Nacional do Brasil. In: ENCONTRO BAD AO SUL, 3., 2018, Ferreira do Alentejo. *Atas... No prelo*.

SNAVELY, L.; COOPER, N. The information literacy debate. *Journal of Academic Librarianship*, v. 23, n. 1, p. 9-20, 1997.

STEVENSON, J. The online archivist: a positive approach to the digital age. In: CRAVEN, L. *What are archives? Cultural and theoretical perspectives: a reader*. Aldershot, UK: Ashgate, 2008.

THEIMER, Kate. Archives in context and as context. *Journal of Digital Humanities*, v.1, n.2, p. 65-71, 2012.

VIEIRA, Thiago de Oliveira; BITTENCOURT, Paola Rodrigues; SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de. Perspectivas de uma literacia arquivística: reflexões sobre arquivos, mediação e usuários. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, v. 12, n. 2, p. 385-404, 2018.

YAKEL, Elizabeth; TORRES, Deborah A. AI: Archival intelligence and user expertise. *The American Archivist*, v. 66, p. 51-78, 2003.